

Grupo do presidente prefere brizolar

De olho no governo do Maranhão, parentes e amigos de Sarney tentam saída pela esquerda

O fracasso da operação Silêncio Santos, barrada pela decisão dos juizes do Tribunal Superior Eleitoral que impugnou a candidatura do apresentador, aconteceu à noite, deixou novamente órfão na sucessão o grupo político ligado ao presidente José Sarney. Embora declare não ter simpatia por nenhum dos atuais candidatos, o presidente tem um objetivo imediato nesta reta final de campanha, que é combater aquele que identifica como seu principal adversário, Fernando Collor de Mello, do PRN. Para Sarney, o que importa é derrotar Collor e não eleger qualquer dos outros nomes que disputam a eleição.

No círculo íntimo do presidente, no entanto, são bastante claras as simpatias pelo candidato do PDT, Leonel Brizola. Do ponto de vista da política do Maranhão — o que mais interessa a Sarney no momento —, os familiares e amigos do presidente avaliam que a melhor saída seria Brizola. O primeiro amigo de Sarney a brizolar foi seu ex-porta-voz e atual presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama), Fernando Cesar Mesquita.

O mais recente brizolista desse grupo é o próprio filho do presidente, o deputado federal Zequinha Sarney, candidato ao go-

verno do Maranhão em 1990. A vitória de Brizola interessa a Zequinha Sarney, porque seu principal adversário, o ex-governador João Castello, também candidato ao governo estadual, está apoiando Collor.

O próprio Zequinha Sarney, no entanto, garante que suas simpatias por Brizola não se devem ao mero oportunismo eleitoral. Ele costuma elogiar o "carisma" do candidato do PDT. Outro brizolista na família Sarney é a própria filha do

presidente, Roseana, que pediu votos para o PDT em 1982, na campanha para o governo do Rio. O terceiro filho, Fernando Sarney, responsável pela administração dos bens da família, acha que neste quadro sucessório "Brizola não criaria problemas".

A inesperada ascensão de Sarney à Presidência da República alterou os planos de poder da família. Há 20 anos no centro de domínio da política maranhense, Sarney ganhou o pré-

mio da Presidência, mas se esforça mesmo é para manter o controle do Estado. Zequinha foi preparado para isso e não pretende deixar Collor atraparalhar seus planos.

O projeto dele se sustenta num acordo político frágil. Ele ajudou a eleger Eptácio Cafeteira governador e, em troca, Cafeteira prometeu apoiar Zequinha em 90. O governador assegura que o acordo está de pé. "Estou mesmo pedindo votos para o filho do presidente."

Mas a história dos Sarney e seus filhotes políticos é feita de traições. Pode ser por isso que o próprio Sarney espalhou que Cafeteira aderiu a Collor, e que portanto estaria se aproximando do seu principal inimigo regional. Cafeteira nega que tenha collorado. "O meu voto está mais próximo de Lula", se esquivava.

Assim mesmo, Sarney prefere se manter de olhos abertos. Zequinha chegou a se licenciar do mandato de deputado para ficar em São Luís vigiando o

cumprimento do acordo. Entre os melhores colocados na corrida ao Planalto, além de Collor, Sarney não gostaria de ver Lula ou Mario Covas na sua cadeira. Lula porque acha que o PT pode tumultuar a vida do País e levá-lo a um impasse. Covas pela influência que terá no Maranhão, através de Jaime Santana, outra cria de Sarney que se rebelou. Além disso, o presidente não esquece as mágoas que Covas lhe causou em sua atuação como líder do PMDB na Constituinte.



André Dusek/AE - 2/6/89



Protásio Nenê/AE — 17/7/89

O filho Zequinha e o amigo Fernando Mesquita: dois brizolistas no círculo íntimo de Sarney